

O que é filosofia?

José Ortega y Gasset

1ª edição – agosto de 2016 – CEDET

Título original: ¿Que és filosofía? Texto retirado do Vol. VII das *Obras completas do autor*, Madrid: Alianza Editorial/Revista de Occidente, 1983.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Ângelo Vicentin, 70
CEP: 13084-060 – Campinas – SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Diogo Chiuso

Editor-assistente:
Thomaz Perroni

Tradução:
Felipe Denardi

Revisão:
Lucas Cardoso

Capa & Editoração:
J. Ontivero

FICHA CATALOGRÁFICA

Ortega y Gasset, José

O que é filosofia? / José Ortega y Gasset; tradução de Felipe Denardi; posfácio de María Zambrano – Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

ISBN: 978-85-67394-96-1

I. Filosofia

I. José Ortega y Gasset II. Título

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

CDD – 100

I. Filosofia – 100

Conselho Editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Diogo Chiuso
Silvio Grimaldo de Camargo
Thomaz Perroni

VIDE EDITORIAL – www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

AULA II

[Redução e expansão da filosofia. –] O drama das gerações. – Imperialismo da física. [– Pragmatismo.]

Por razões que não é urgente e nem interessante comunicar agora, tive de suspender o curso público iniciado por mim na Universidade. Como aquele intento não era inspirado por razões ornamentais e sutuárias, mas por um sério desejo e quase pressa de dar a conhecer novos pensamentos que, a meu ver, não carecem de interesse, pensei que não devia deixar aquele curso estrangulado em seu nascimento, subordinado a interferências anedóticas, ao fim e ao cabo muito pouco substanciais. Por esses motivos, encontro-me hoje diante de vocês neste lugar.

Como muitos dos presentes escutaram minha primeira aula, não é o caso de reiterar o que eu disse lá. Só me interessa retomar dois pontos essenciais:

O primeiro é que, sob o título dessas aulas, “O que é filosofia?”, não me proponho a fazer uma introdução elementar à filosofia, mas exatamente o oposto. Vamos tomar o conjunto da filosofia, o filosofar mesmo, e vamos submetê-lo a vigorosa análise. Por que existe no mundo dos homens essa estranha fauna dos filósofos? Por que há, entre os pensamentos dos homens, o que chamamos “filosofias”? Como se vê, o tema não é popular, mas hirsutamente técnico. Não se esqueçam, pois, de que se trata de um curso acadêmico, de um curso universitário, se bem que *in partibus infidelium*. Declarando lealmente a vocês o cruzeiro da navegação que nos espera, fico livre e desobrigado para não renunciar a nenhuma das asperezas conceituais que tal

proposito impõe. É claro que eu hei de procurar ser entendido por todos, porque, como disse, penso que a clareza é a cortesia do filósofo. Mas, além disso, esse problema tão técnico, e até hiper-técnico, nos obriga tecnicamente a colocarmos o problema menos técnico que existe: o de definir e analisar o que é “nossa vida”, no sentido mais imediato e primário dessas palavras, incluindo o que é nossa vida cotidiana. Mais ainda, uma das coisas que com mais formalidade necessitaremos fazer é definir isso que chamamos vagamente de vida diária, o cotidiano da vida.

4 O segundo ponto que relembro de minha primeira aula consiste em advertir que, em filosofia, não costuma ser a linha reta o caminho mais curto. Os grandes temas filosóficos só se deixam conquistar quando se os trata como os hebreus a Jericó – indo até eles curvamente, em círculos concêntricos cada vez mais estreitos e insinuantes. Por isso, todos os assuntos que tocarmos, mesmo os que tiverem um primeiro aspecto mais literário, reaparecerão várias vezes em círculos posteriores, de raio mais estreito e exigente. Com frequência vocês verão que o que num dia teve só a aparência de uma pura frase ou de um adorno metafórico, surgirá em outro como o traço mais grave de um rigoroso problema.

5 Os sessenta últimos anos do século XIX foram, dizia eu ao terminar minha primeira conferência, uma das etapas menos favoráveis à filosofia. Foi uma idade anti-filosófica. Se a filosofia fosse algo de que se pudesse radicalmente prescindir, não há dúvida de que durante esses anos teria desaparecido por completo. Como não é possível arrancar da mente humana, desperta para a cultura, sua dimensão filosófica, o que aconteceu foi reduzi-la a um mínimo. Mesmo assim, o temperamento ou predisposição com que o filósofo inicia seu trabalho hoje consiste

precisamente num claro afã de ir novamente em direção a uma filosofia de alto-mar, plena, completa; em suma, a um máximo de filosofia. Num período de trinta anos a atitude do filósofo diante de seu próprio labor se modificou. Não me refiro agora ao fato de o conteúdo doutrinário da filosofia ser distinto hoje do que havia um quarto de século atrás, mas ao fato de que, antes de elaborar e possuir esse conteúdo, ao iniciar seu trabalho, o filósofo tem um temperamento ou predisposição muito diferentes dos que o pensador das gerações anteriores encontrava em si.

6 É natural que diante de tal mudança nos ocorra perguntar: como se produziu aquela redução e encolhimento do ânimo filosófico, e o que aconteceu depois para que de novo se dilate, recupere a fé em si mesmo e até volte a tomar a ofensiva? O esclarecimento de cada um desses fatos só se encontraria definindo a estrutura do homem europeu em cada um desses tempos. Toda explicação que, para entender as mudanças visíveis que aparecem na superfície histórica, não descer até encontrar as mudanças latentes, misteriosas, que se produzem nas entranhas da alma humana, será superficial. Pode até ser que baste para os efeitos limitados do nosso tema, como a que vamos dar hoje da mudança aludida; mas só se soubermos que é insuficiente, que tira do fato histórico sua dimensão de profundidade e converte o processo da história num plano de somente duas dimensões.

7 Mas indagar a sério por que acontecem essas variações no modo de pensar filosófico, político ou artístico, equivale a fazer uma pergunta de tamanho excessivo: equivale a colocar a questão de por que mudam os tempos, por que não sentimos nem pensamos hoje como há trinta anos, por que a humanidade não vive estacionada num idêntico, invariável repertório, mas, ao contrário, anda sempre

inquieta, infiel a si mesma, fugindo hoje de seu ontem, modificando a toda hora o formato de seu chapéu e o regime do seu coração. Em suma, por que há história. Não é necessário anunciar que vamos respeitosa e desviadamente de tão elevada questão, seguindo adiante. Mas importa-me dizer que os historiadores deixaram até agora intacta a causa mais radical das mudanças históricas. Que um ou vários homens inventem uma nova idéia ou um novo sentimento não muda a feição da história, o tom dos tempos, como não muda a cor do Atlântico se um pintor de marinas limpar nele seu pincel sujo de vermelho. Mas se de repente uma massa ingente de homens adota aquela idéia e vibra com aquele sentimento, então a superfície da história, a face dos tempos se tingem de uma cor nova. Entretanto, as massas ingentes de homens não adotam uma idéia nova, não vibram com um sentimento peculiar simplesmente porque se lhes pregue. É preciso que essa idéia e esse sentimento estejam neles pré-formados, intactos, prontos. Sem essa predisposição radical, espontânea da massa, todo pregador seria pregador no deserto.

Daí que as mudanças históricas supõem o nascimento de um tipo de homem mais ou menos distinto do que havia; ou seja, supõem a mudança de gerações. Há trinta anos eu prego aos historiadores que o conceito de geração é o mais importante em história, e deve ter chegado ao mundo uma nova geração de historiadores, porque vejo que essa idéia pegou, sobretudo na Alemanha.³

3

Lorenz, Harnack, Dilthey insinuaram em sua época algo sobre a ideia das gerações; mas essa maneira mais radical de abordar o assunto, que está apontada em algum dos meus livros, é reconhecida, por exemplo, no livro de Pinder, *Das Problem der Generationen*, segunda edição, 1924. [Sobre o tema da geração como conceito histórico veja-se do autor especialmente, *El tema de nuestro tiempo* e *En torno a Galileo*. O C. volumes III e VI.]

9 Para que algo importante mude no mundo é preciso que mude o tipo de homem e — entenda-se — o de mulher; é preciso que apareçam multitudes de criaturas com uma sensibilidade vital distinta da antiga e homogênea entre si. Isto é a geração: uma variedade humana, no sentido rigoroso que os naturalistas dão ao conceito de "variedade". Os membros dela vêm ao mundo dotados de certas características típicas, disposições, preferências que lhes dão uma fisionomia comum, diferenciando-os da geração anterior.

10 Mas essa idéia inocula súbita energia e dramatismo ao fato, tão elementar como inexplorado, de que em todo presente coexistem três gerações: os jovens, os homens maduros, os velhos. Porque isso significa que toda atualidade histórica, todo "hoje" envolve, a rigor, três tempos distintos, três "hoje" diferentes, ou, dito de outra maneira, que o presente é rico de três grandes dimensões vitais, que convivem alojadas nele, queiram ou não, enredadas umas com as outras e, ao serem diferentes, necessariamente em essencial hostilidade. "Hoje" é, para uns, vinte anos, para outros quarenta, para outros sessenta; e isso, que três modos de vida tão distintos tenham de ser o mesmo "hoje", expõe manifestamente o dramatismo dinâmico, o conflito e o choque que constitui o fundo da matéria histórica, de toda convivência atual. E, à luz dessa observação, vê-se o equívoco oculto na aparente clareza de uma data. 1929 parece um único tempo; mas em 1929 vive um rapaz, um homem maduro e um ancião; e sua cifra se triplica em três significados diferentes e, simultaneamente, abarca os três: é a unidade de um tempo histórico de três idades distintas. Somos todos contemporâneos, vivemos num mesmo tempo e atmosfera, mas contribuímos com sua formação em tempos diferentes.